

NOAM CHOMSKY
E A MÍDIA

O CONSENSO FABRICADO

PROGRAMA APRESENTADO PELA
TVE EM MARÇO DE 1996
EM TRÊS EPISÓDIOS.

TRANSCRIÇÃO FEITA POR
LUIS ANTÔNIO LESSA TÓSCA

definir quais são os princípios fundamentais que fazem com que a linguagem se desenvolva em uma forma determinada por circunstâncias peculiares. Para mim não há dúvida de que o mesmo acontece com os outros aspectos da inteligência humana. Os sistemas de compreensão, interpretação, moral, julgamento estético. As implicações dessas opiniões repercutiriam nas áreas da sociologia, filosofia, psicologia, educação, crítica literária e da lógica.

- Se as regras que determinam o sistema e fazem a ciência não podem ser encontrados fora da mente humana, nas estruturas sociais, nas relações de produção, nas lutas de classe, etc?

Se é verdade, como acredito, que o elemento fundamental da natureza humana é o trabalho criativo ou de questionamento criativo, esta criação deve ser livre dos elementos arbitrários das instituições coercitivas. Cabe à sociedade maximizar as possibilidades de realização desta característica fundamental. Penso que um sistema federativo descentralizado, com associação livre que incorporem as instituições sociais - o que chamo de anarco-sindicalismo - é o mais adequado para uma sociedade tecnologicamente avançada na qual os seres humanos são forçados à posição de instrumento; engrenagens mecânicas.

- Desde os anos 60, Chomsky é porta-voz de um socialismo libertário e racionalista. Ele vem atacando todo e qualquer abuso de poder. Tornou-se profundamente impopular por suas críticas à política dos Estados Unidos, a subserviência da inteligência à degradação do sionismo e os enganos às ideologias dominantes. Durante os governos liberais da década de 60, um grupo de intelectuais e acadêmicos preparou e implementou a guerra do Vietnã e outras ações similares de menor vulto. Essa comunidade é especialmente sensível em lugares como a M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology). A inteligência tecnológica, os projetistas de armamento, os especialistas e os planejadores do Império Americano são fortemente induzidos a se associarem. Esta pressão é real. Em seu ensaio "Linguagem e Liberdade" você escreveu que a ação social deve ser animada pela visão de uma sociedade futura. Qual a visão de sociedade que o anima?

De um modo geral penso que devemos descobrir as formas de autoridade e dominação e discutir sua legitimidade. As vezes elas são necessárias para a sobrevivência. Por exemplo: durante a II Guerra Mundial, tínhamos uma sociedade basicamente totalitária que se justificava em tempo de conflitos, mas qualquer forma de controle e coerção requer justificação. A maior parte delas são completamente injustificáveis. Algumas poderão ser desafiadas em algumas etapas do desenvolvimento humano, outras estão tão sedimentadas que não são mais percebidas. Às vezes conseguimos detectar formas de autoridade e de dominação que podem ser mudadas e que não são legítimas. Muitas são contra os direitos humanos e a nossa própria compreensão da natureza fundamental do ser humano e de seus direitos.

- Quais são as questões principais ?

Algumas estão sendo discutidas. O movimento feminista se ocupa de uma parte delas, o movimento para direitos civis de outras. Entre os que não estão sendo resolvidos de forma séria está o controle privado sobre os recursos que justamente ocupa o centro do sistema de dominação. Isto significa atacar a estrutura fundamental do Estado capitalista. Não é algo que possamos deixar para o futuro. Há uma opinião padronizada

sobre as sociedades democráticas e o papel por elas desempenhado através dos meios de comunicação. Isto significa dizer que a democracia requer livre acesso à informação, às idéias e a opinião. O conceito não se aplica somente à mídia mas também às instituições educativas, às editoras e à comunidade intelectual como um todo. Mas existe uma opinião contrária bastante definida e que está profundamente enraizada em nossa cultura. Sua origem está nos primórdios da democracia moderna. Durante a revolução inglesa do Séc. XVII, um assunto complexo como as revoluções populares houve um confronto no parlamento em nome da pequena nobreza e dos comerciantes contra os monarquistas que representavam os grupos de elite. Eles chegaram à luta armada. E como acontece em muitas revoluções houve também uma série de agitações populares contra todos eles. Eles questionavam a relação entre patrão e empregado; o princípio da autoridade; tudo enfim. Surgiram inúmeras publicações radicais; a imprensa acabava de ser inventada. Isto perturbou as elites de ambos os lados da guerra civil. Um historiador da época de 1660 criticou os democratas radicais que lutavam por aquilo o que mais tarde se tornou a democracia, dizendo que estava deixando as pessoas curiosas e arrogantes e que nunca mais teriam humildade suficiente para aceitar qualquer regra civil. Por trás destas doutrinas havia uma evidente concepção de democracia entendida como um jogo para as elites e não para as massas ignorantes. Para o seu próprio bem elas deveriam ser marginalizadas, entretidas e controladas. Estes princípios foram mantidos nas colônias americanas. Segundo John Jay, um dos fundadores da democracia americana, aqueles que são donos do País devem governá-lo. Para as elites contemporâneas, este ponto de vista contrário sobre a vida intelectual e os meios de comunicação é na verdade um padrão; está é a minha opinião sem floreios de retórica.

- *O consenso Fabricado; o que significa este título?*

Esta expressão foi tomada de um livro de Walter Lippmann publicado em 1921, no qual ele descreve o que chama de fabricação do consenso como uma revolução da prática da democracia. Significava uma técnica de controle e disse que seria útil e necessário porque os assuntos que afetam a todos não são entendidos pelo grande público. Estes assuntos, segundo ele, deveriam ser tratados por uma classe especializada. Observem que isso é o oposto da opinião padronizada sobre a democracia. Há uma versão formulada por Reynold Nightbur, moralista e teólogo altamente respeitado que teve grande influência sobre os políticos contemporâneos. A opinião dele é que a racionalidade é um fator de um observador imparcial. Assim o homem comum seria movido não pela razão mas pela fé, o que requer algumas ilusões e simplificações emocionalmente poderosas. Elas só podem ser proporcionadas pelo criador de mitos. Isto vai manter o homem comum sob controle. Não é verdade como as ingerimos poderíamos supor que a doutrinação é algo contrário à democracia. Como toda esta corrente de pensadores demonstra, ela é a essência da democracia. Na verdade, em um estado militar chamado totalitário, não importa muito o que as pessoas pensam. Foi colocada uma espada sobre suas cabeças e é possível controlar o que fazem. Mas quando os Estados não têm mais a espada, não é possível controlar as pessoas pela força; a voz do povo pode ser ouvida; o problema surge. E as pessoas podem se tornar tão curiosas e arrogantes que perdem a humildade para se submeter às regras civis. Por isso é preciso controlar o que elas pensam. A forma usual de se fazer isto é o que, em épocas mais honestas era chamado de propaganda; a fabricação do consenso e a manipulação de ilusões necessárias - diversas maneiras de marginalizá-las e reduzi-las à apatia.

- Você escreveu em o "Consenso Fabricado" que a função principal dos meios de comunicação nos Estados Unidos é mobilizar o apoio do público para os interesses especiais do Governo e do setor privado. Que interesses são esses?

Bem, se quiser entender como funciona uma sociedade, qualquer que seja, a primeira coisa a fazer é descobrir quem está em posição de tomar as decisões que vão fazer esta sociedade funcionar. As sociedades diferem, mas na nossa, as principais decisões de produção, investimento e distribuição estão nas mãos de uma rede de empresas de investimentos, corporações, conglomerados... e esta rede determina as pessoas que ocuparão os altos cargos do governo. É proprietária dos meios de comunicação e está em posição de tomar decisões. Ela tem papel dominante no modo de vida, nos modos como as coisas acontecem na sociedade. Em princípio e por lei, dominam o sistema econômico. O controle dos recursos e a necessidade de satisfazer seus interesses impõem enormes limitações ao sistema político e ideológico.

- Por falar nisso, o consenso de quem está sendo fabricado?

Para começar, há dois grupos diferentes. Podemos detalhar, mas em uma primeira abordagem, os alvos de propaganda são dois. Um deles é o que podemos chamar de classe política. Uma parcela da população, cerca de 20%, tem uma instrução relativa e é mais ou menos articulada para desempenhar papel no processo decisório e tem uma participação na atividade social. São gerentes, diretores culturais, professores, escritores. Supõe-se que votem e desempenhem algum papel na vida política e econômica. Por isso, seu consenso é crucial; é um grupo que deve ser profundamente doutrinado. Os outros 80% da população, cuja função principal é cumprir ordens, não pensar e não prestar atenção em nada, em geral são eles que pagam os custos.

- O senhor esboçou um modelo; filtros pelos quais a propaganda passa até chegar ao público. Poderia descrevê-los?

Trata-se basicamente de uma análise institucional dos principais meios de comunicação, que denominamos meios de propaganda. Estamos falando da mídia nacional, aquela que estabelece prioridades que outros mais ou menos seguem, seja nos assuntos nacionais como internacionais. É a elite dos meios de comunicação que estipula as prioridades, ou seja: o New York Times, o Washington Post e os principais canais de televisão - NBC, CBS. Eles estabelecem a estrutura geral. Os meios locais se adaptam a esta estrutura. Eles fazem isso de muitos modos, através de uma seleção de tópicos, da distribuição de assuntos de ênfase e a estrutura dos mesmos, da filtragem de informação; dos debates com limites determinados. Eles determinam, selecionam, moldam, controlam, restringem de forma a servir os interesses das elites dominantes. O New York Times é o jornal mais importante dos EUA, talvez do Mundo. Ele desempenha um importante papel no modo como as classes instruídas e politicamente ativas percebem o Mundo atual. Acredito que seus editores sintam um peso da responsabilidade na medida que estes fazem a história. É da maior importância que a história seja moldada de forma adequada de modo que algumas coisas apareçam e outras não, que algumas perguntas apareçam e outras não, que algumas perguntas sejam feitas e outras ignoradas e que as questões sejam abordadas de uma forma determinada.

- A quem pode interessar que a história seja alvo de manipulação?

Não é difícil de responder. O processo pelo qual as pessoas se convencem é algo muito mais misterioso do que podemos imaginar. Lendo o "Consenso Fabricado" há um ditado que diz que a legislação é como uma fábrica de salsichas. Quanto menos sabemos como são feitas, melhor para o nosso apetite. O mesmo pode ser aplicado aos negócios. Quando participamos de uma reunião para decidir o que colocar na primeira página, podemos ter a impressão de que as decisões importantes serão tomadas de forma leviana e frívola. A verdade é que, considerando as pressões de tempo essa é a única forma de as coisas saírem. Temos que publicar um jornal todos os dias.

- Por algum curioso mecanismo o Prof. Chomsky está totalmente de acordo com Irwine que, do lado direito do espectro, ensina exatamente o mesmo no que se refere à influência da imprensa - a grande mídia como determinadora de prioridades, para usar a expressão em moda.

Evidentemente Irwine considera o fato como uma conspiração de esquerda, incluindo conceitos liberais nos assuntos internos que são lidos por cidadãos americanos. Na minha opinião é que em ambos os lados a premissa constitui um insulto à inteligência das pessoas que lêem as notícias. Tudo isso não tem nada a ver com tendências liberais ou conservadoras. De acordo com o modelo de propaganda, tanto o grupo liberal de mídia quanto o conservador, seja o que for que estes termos signifiquem, acabam caindo na mesma estrutura de suposições. Se o sistema funcionar bem, este deve apresentar uma tendência liberal, ou pelo menos a aparência dela. Desta forma poderá controlar o pensamento de forma muito mais convincente. Em outras palavras, se a imprensa é mesmo de oposição e liberal como diz, de que modo o indivíduo poderá contradizê-la. Ele já foi tão longe em sua oposição ao poder que para se opor a ele deveríamos sair do Planeta. As proposições aceitas pela mídia liberal são sacrossantas, não podendo ser ultrapassadas. O sistema bem estruturado teria, assim, de fato sua tendência. A mídia diria então: chegamos até aqui e não se pode ir além. Mas se pergunta: O que esperar dessas mídias quanto à suposições baseadas no livre mercado, geralmente incontestáveis e dirigidos. Observamos inúmeros fatores que interferem e determinam o seu produto. É o que chamamos de filtros e um exemplo destes é a propriedade. O que temos são grandes corporações que fazem parte de conglomerados maiores. E como qualquer outra corporação, tem um produto por vender ao mercado. O mercado são os anunciantes, ou seja, outras empresas. O que mantém a mídia funcionando não é a audiência. Eles ganham dinheiro com os anunciantes. Lembrem-se, estamos falando de mídia de elites, eles devem vender um bom produto; um produto que aumente os índices de publicidade. Pergunte a seus amigos publicitários. Eles querem uma audiência rica e elitizada. O que temos são instituições; grandes corporações que vendem a audiência para outras empresas.

- E o que pode se esperar disso?

A consequência imediata é uma percepção de mundo que satisfaz aos interesses e as necessidades dos vendedores, dos compradores e do produto. Mas há outros fatores que pressionam na mesma direção. Se alguém quiser implantar um sistema diferente, provavelmente será excluído em algum ponto do percurso. Nenhuma instituição ficará feliz em preparar um mecanismo de auto-destruição. Não é assim que funciona. Trabalham para excluir, marginalizar ou eliminar as vozes dissidentes ou as perspectivas alternativas de que elas representam uma disfunção ao organismo.

- Você acha que conseguiu escapar à doutrinação ideológica da mídia em que foi criado ?

Muitas vezes não, quando penso nas coisas que deixei de fazer (vago). Entrar em guerra é um assunto sério. Em uma sociedade totalitária o ditador simplesmente diz: estamos em guerra e todo mundo sai marchando. Em uma sociedade democrática a teoria é de que, caso as lideranças políticas resolvam entrar em guerra, devem apresentar boas razões e justificativas porque a guerra é algo catastrófico como esta última provou ser. O papel da mídia neste instante é apresentar os fatos importantes. Por exemplo, as possibilidades de um acordo de paz ou um debate sobre esta terrível decisão de entrar em guerra e matar milhares de pessoas e deixar Países destruídos. Isto nunca aconteceu. Significa que em 99,99% dos casos a dissensão exclui a decisão de paz. O resultado é que se tornou uma guerra da mídia; há muita falsidade em tudo isso. As Nações Unidas estão finalmente comportando-se de forma condizente com sua missão. É uma mudança extraordinária, disse o New York Times, mas a única mudança extraordinária é que pela primeira vez os EUA não vetaram uma resolução de um conselho de guerra contra a agressão. Ninguém quer a guerra a menos que seja necessária. Mas eles deveriam de saber que não há motivos para que seja necessária. A mídia evita que as pessoas saibam disso. O que significa que entramos em guerra exatamente como faria um estado totalitário, graças à subserviência dos meios de comunicação. Na minha opinião, a história é essa!

...

Não falo das pequenas emissoras como esta de Laramie. É provável que aqui o pauteiro decida as notícias do dia através da leitura do New York Times, mas quem conhece as agências de notícias sabe que durante a tarde elas transmitem as notícias que amanhã estarão na primeira página. Yodo mundo sabe quais serão estes fatos. Eles são passados, de um modo geral, sem detalhes. Mas a idéia original é transmitida em toda a parte.

ENTRETENIMENTO

Existe outro tipo de mídia cujo pessoal é bastante diferente. Os verdadeiros meios de comunicação de massa são dirigidos às pessoas mais simples. O propósito deles é embotar o cérebro das pessoas simplificando ao máximo o objetivo principal de 80% da população. Diverti-los fazendo com que assistam ao campeonato nacional de futebol e se preocuparem com assuntos do gênero "Mãe tem filho com seis cabeças, o que pegar no supermercado, astrologia, o papo fundamentalista, qualquer coisa que os mantenham ocupados e distraídos das coisas importantes. Para isso é preciso reduzir a capacidade deles de pensar. Esporte é o exemplo crucial do sistema doutrinário, especialmente porque oferece às pessoas alguma coisa em que prestar a atenção; algo que não é importante. Isto evita que se preocupem com coisas importantes sobre suas vidas e reflitam sobre o que fazer. É chocante ver a quantidade de inteligência que o cidadão comum canaliza para o esporte. Basta sintonizar as emissoras que recebem telefonemas dos ouvintes. Elas tem as informações mais exóticas sobre os mais complicados problemas. Claro que a imprensa tem a ver com isto. A verdade é que faz sentido. É uma forma de submissão à autoridade, camuflando elementos de liderança. Um verdadeiro treinamento de xenofobia irracional. É uma característica dos esportes competitivos. Observando com atenção, veremos que tem funções que justificam a quantidade de energia destinados a apoiá-los e estruturá-los. Esta é uma razão pela qual os anunciantes se dispõem a investir neles.

- Qual a metodologia no estudo dos modelos de propaganda e como aplicá-la?

Há várias maneiras. A mais simples é através de exemplos similares. A história não oferece experiências verdadeiramente controladas mas chega perto. Certos tipos de atrocidades são cometidas pelos inimigos oficiais ou ainda pelo próprio Estado (no caso dos EUA). A pergunta é se a mídia aceita a estrutura do governo ou utiliza os mesmos critérios para lidar com todos os casos como qualquer observador imparcial honesto faria?

O maior genocídio da Era moderna foi coordenado por Pol Pot de 1975 a 78. Uma atrocidade que dificilmente encontra equivalência em infâmia e fúria. Neste caso a história apresenta uma experiência controlada. Já ouviu falar no **TIMOR ORIENTAL**? Ao mesmo tempo houve uma atrocidade de natureza similar, mas aspecto diferente. Os responsáveis por ela fomos nós, não foi Pol Pot. Os ouvintes do programa devem ter percebido que nos últimos meses falamos mais de uma vez sobre o Timor Oriental. Principalmente quando o assunto era ajuda externa, guerra e a nova ordem mundial. As pessoas querem saber se a ONU fala 'serio sobre uma nova ordem mundial quando não faz nada para ajudar o Timor Oriental. A região foi invadida pela Indonésia em 75. Há relatos de atrocidades cometidas. O Canadá e outras Nações têm votado sistematicamente contra resoluções da ONU para por fim à ocupação.

Vamos falar mais uma vez sobre o Timor Oriental e o que está acontecendo lá. Uma das personalidades mais ativas é a repórter fotográfica da Coluna Britânica, Elaine B.L. e fundadora de Rede Alerta ao Timor Oriental.

O Timor Oriental fica no norte da Austrália, mais ou menos a 420 Km e está entre os Oceanos Índico e Pacífico. Ao sul o mar é muito profundo, perfeito para a passagens de submarinos americanos. Ali também existem grandes reservas de petróleo. Uma das características deste País é que permanecem como um dos Últimos sobreviventes das antigas civilizações nesta parte do Mundo. Os timorenses falam 30 idiomas e dialetos diferentes em um grupo de 700 mil pessoas. Hoje, menos de 5% da população mundial vive como os habitantes do Timor Oriental, que são auto-suficientes e estão fora do sistema econômico global. Pequenas sociedades como esta são muito mais democráticas, muito mais igualitárias e há uma melhor distribuição de poder e riquezas. Antes da invasão da Indonésia, a maior parte da população morava em aldeias. Os velhos desempenhavam o papel das Universidades. Transmitiam a sabedoria tribal de geração para geração. As crianças cresciam em um ambiente seguro, protegido e estimulante.

Eles não queriam um País pequeno e independente como exemplo para toda a região. O Timor era uma colônia portuguesa e a Indonésia não tinha direito sobre ele. Durante o período de colonização houve muita politização da sociedade e formaram-se grupos diferentes. A guerra civil começou em agosto de 1975 e terminou com a vitória do FRETIN, um grupo considerado como populista católico com alguma retórica esquerdista. Imediatamente a Indonésia começou a sua intervenção.

Foi em 5 de dezembro que Ford e Kiessinger visitaram Jacarta e pediram para adiar a invasão até o dia 7 de dezembro. Algumas horas depois eles embarcaram e a invasão começou. O que aconteceu neste dia foi uma das maiores atrocidades da história. De manhã cedo as bombas começaram a cair sobre Dili. As tropas invasoras quase ultrapassavam o número de habitantes das cidades. Por duas ou três semanas eles só mataram pessoas civis. Quando os indonésios invadiram a ONU pedindo sanções, condenação, etc., várias resoluções sem importância foram aprovadas. Os Estados Unidos estavam decididos a não permitir que alguma coisa funcionasse. No final os timorenses fugiram para a selva no final de 77 e início de 78. A Indonésia estabeleceu

centros de recolhimento para refugiados que saíssem da selva agitando bandeiras brancas. Os mais evidentes suspeitos de pertencerem ao FRETIN foram sumariamente executados. As mulheres separadas e enviadas de helicóptero para Dili foram usadas pelos soldados indonésios. Mataram crianças e bebês. A fome era a principal estratégia naqueles dias. Em 78 a situação beirava o genocídio. A igreja e outras fontes calcularam cerca de 200.000 pessoas assassinadas. Os Estados Unidos fornecem cerca de 90% das armas até as vésperas da invasão, quando os indonésios começaram a ficar sem munição. Em 78 o governo Carter aumentou as vendas. Outros Países ocidentais fizeram o mesmo. O Canadá, a Inglaterra, a Holanda e qualquer um que quisesse ganhar mais uns dólares colaboraram para matar mais pessoas no Timor. Não existe uma preocupação no sentido de preservar os direitos humanos e evitar atrocidades, violações, etc. Se houver algum meio de tirar proveito é claro que este caso demonstra com evidência. Não que tivesse passado em branco. É importante lembrar que houve ampla cobertura do New York Times e outros meios antes da invasão. Na época existia uma preocupação quanto à dissolução do Império Português e suas conseqüências. Temia-se que a independência das colônias aumentasse a influência russa na região. Depois que a Indonésia invadiu o Timor, limitaram-se as notícias às fornecidas pelo Depto. de Estado e dos generais da Indonésia; nunca do ponto de vista de algum refugiado do Timor.

Quando as atrocidades se configuraram em genocídio em 78, a cobertura da imprensa cessou por completo nos EUA e Canadá - os dois Países que observei mais de perto. Isso acontecia no mesmo tempo dos grandes protestos contra as atrocidades do Camboja. O grau de violência era compatível em termos relativos. Era maior no Timor. Por outro lado, durante os anos de 73 a 75, houve atrocidades similares no Camboja pelas quais nós fomos responsáveis. O ataque nacional americano começou com bombardeios no início dos anos 70. Alcançou seu nível máximo em 73 e seguiu até 75. Eram dirigidos contra o interior do País. Tivemos pouca informação sobre eles porque a mídia silenciou a respeito. Sabiam o que estava acontecendo mas preferiram ignorar. A CIA calculou 600.000 mortos durante este período de 5 anos. Por outro lado, quando saíram do Camboja, o País estava em tais condições que as autoridades americanas calcularam que cerca de 1.000.000 de pessoas morreriam de fome e doenças. Existem também evidências significativas fornecidas por fontes do Governo americano e intelectuais indicando que o interesse do intenso bombardeio teve um impacto decisivo do povo camponês ao Khmer Vermelho que antes disso era um elemento marginal. Pois bem, esta é considerada a história errada. Depois de 75 as atrocidades continuaram. Esta tornou-se a história oficial porque a partir daí os abusos eram cometidos pelos bandidos. Os números variam, mas a CIA calcula entre 50.000 e 100.000 pessoas assassinadas e talvez outro meio milhão ou mais que morreram de outras formas. Poucas semanas depois de o Khmer Vermelho ter tomado o poder, o New York Times já falava em genocídio.

O maior best-seller sobre o Camboja e Pol Pot foi chamado "O Assassinato em uma Terra gentil". Até 17 de abril de 1975, o Camboja teria sido uma terra de pessoas sorridentes e pacíficas e depois disto o holocausto. Rapidamente disseram que o Khmer Vermelho havia matado 2 milhões de pessoas. Mas os fatos haviam sido mais dramáticos. No caso das atrocidades cometidas pelo inimigo vale tudo mostrar por indignação. Exagerar, dispersar evidências, fotografias falsas e muita mentira. Um amontoado de mentiras que nem Stálin teria imaginado. Foi uma fraude. Percebemos isto ao observar a reação às atrocidades comparáveis, cometidas pelos Estados Unidos em Camboja na década de 70 e Timor são exemplos similares. A reação da mídia foi dramática. Comparando os dois casos, as atrocidades foram cometidas por comunistas e no segundo por não comunistas. Fiquei curioso e fui falar com o diretor internacional do Times. Quando expus o problema ele disse que eu estava absolutamente certo. Muitas

atrocidades estavam sendo cometidas pelo mundo afora e o jornal não cobria por razões diversas. Então me interessei pelo assunto. Ficamos surpresos pelo grau de envolvimento americano no episódio do Timor sem maior repercussão na imprensa. Quase não houve cobertura da mídia sobre o massacre no Timor. Formamos um pequeno grupo para monitorar a situação e alertar a opinião pública do que estava acontecendo. Literalmente, meia dúzia de pessoas dedicou-se para que este assunto viesse à tona. Fizemos contatos com o Congresso, solicitamos a minha colaboração e testemunhei nas Nações Unidas e escrevi artigos. Eles não desanimaram. Quase tudo o que se sabe sobre o assunto vem deles. Não há muito mais.

Se tomarmos literalmente as teorias expostas, vamos chegar à conclusão de que há um acordo tácito entre a grande imprensa e o Governo para abordar alguns assuntos e silenciar outros. Assim, quando quebramos as regras, seria de se esperar uma reação imediata dos donos do poder em Washington.

-Chomsky e outros que realizam este trabalho de análise da imprensa têm algo em comum. Nunca trabalharam em jornal e sabem pouco sobre o funcionamento da imprensa. Chomsky trazia uma pasta com toda a cobertura do New York Times, Washington Post e outros sobre o Timor Oriental. Era meticuloso a ponto de notar que, por exemplo, um artigo publicado pelo London Times e posteriormente transcrito pelo New York Times, faltava um parágrafo e dizia: "Veja este importante parágrafo que conta exatamente o que aconteceu, foi cortado da Versão do New York Times". Houve um artigo no London Times que expunha os fatos com exatidão. O New York Times fez uma revisão radical; eles não cortaram um só parágrafo. Deram um outro tom completamente diferente. O artigo foi outro publicado no Newsweek no mesmo tom do New York Times. Amenizaram o que no original era uma história de atrocidades.

Naquela época disse para Chomsky: "bem, pode ser que você esteja interpretando ignorância, pressa ou prazo para fechamento como intenção deliberada de suprimir um elemento da história. Ele respondeu: se isso acontecesse uma, duas ou dez vezes eu poderia concordar. Mas quando acontece dezenas de vezes, acho que há outros fatores envolvidos. Quando houve a cobertura, fizeram uma versão maquiada pelos Estados Unidos, isso não é simplesmente um erro. É uma conduta firme e sistemática, sem excessão. É muito mais que a subserviência da mídia. Ela é cúmplice nestes casos de genocídio. As atrocidades se prolongam porque ninguém sabe o que acontece. Se soubessem haveria protesto e pressão, por isso estão escondendo os fatos.

-E o terceiro mundo?

Por mais incrível que pareça, as lutas ainda não terminaram. A luta pela liberdade e independência nunca acaba. A coragem deles é extraordinária. Tive o privilégio de presenciá-las diversas vezes em aldeias da Ásia e América Central e recentemente na Cisjordânia ocupada. Eles confiam de modo crucial em uma tênue imagem de sobrevivência que depende da dissidência e da pressão dentro das sociedades imperialistas. Cabe a nós determinar qual a dimensão desta ordem.

-Você leva um bom tempo lamentando-se do modo como a elite e o Governo vem utilizando o controle do pensamento para manter radicais como você longe do público. Mas agora está aqui e não vejo nenhum agente da CIA para te prender. Os jornais publicaram que você viria e certamente publicarão seus comentários. Em muitos países você seria fuzilado pelo que disse. Está reclamando de quê? Não permitimos que você fale?

Em primeiro lugar não disse palavra nenhuma sobre estar sendo mantido longe do público. A forma como isto acontece é muito diferente. Repito que eles tinham um sistema para controlar uma determinada percepção de mundo. Posso dar fontes para encontrar milhares de referências sobre o assunto. Isso não tem nada a ver comigo, tem a ver com a marginalização do público, para que eles não interfiram no caminho das elites. Eles acham que devem cuidar das coisas sem interferências. Em geral, os Estados Unidos são ideologicamente mais limitados que os outros Países. A mídia nacional americana tende a eliminar qualquer discussão mais crítica.

-Porquê Noam Chomsky nunca esteve no programa NIGHTLIVE ?

Numa entrevista, o importante é saber se o entrevistado pode dar seu recado dentro dos limites da televisão. Seria descabido programar alguém que demora 8 minutos para dar uma resposta ou não fala inglês. É uma questão cultural. No nosso meio queremos pessoas concisas.

A mídia dos Estados Unidos exige concisão das pessoas. Você precisa dizer algo em torno de 600 palavras em dois minutos e isto é algo muito importante.

-É melhor que tenha razão - apresente evidência. Na verdade é bom que tenha muitas provas porque seus comentários são muito desconcertantes.

A verdade é que não é possível apresentar evidências dentro dos limites impostos pela mídia. Aí está a genialidade desta condição intelectual. Na minha opinião, as pessoas do NIGHTLIVE, se fossem inteligentes, deveriam de promover mais os dissidentes, porque eles pareceriam vir de Netuno.

- Faurisson diz que o massacre dos judeus no holocausto é uma mentira histórica Seus pontos de vista (Chomsky) são extremamente polêmicos. Um dos que despertou maior controvérsia e crítica foi a defesa de um intelectual francês demitido da Universidade por afirmar que os campos de concentração não existiram

Faurisson publicou um livro tentando provar que as câmaras de gás não existiram. Questão de liberdade de expressão, de pensamento e pesquisa. Quanto ao direito das pessoas de emitirem opiniões ofensivas seria de esperar que um delegado dissesse : vocês estão defendendo o ponto de vista daquela pessoa. Mas não estou. Estou defendendo o seu direito de expressá-la. Esta é a diferença crucial entendida fora dos círculos fascistas desde o século XVIII.

-Existe algum fundamento para que você defenda esta questão ?

Não estou defendendo nenhum ponto de vista. Acho que as pessoas deveriam ter uma mente independente. Acho isto muito difícil de ser feito individualmente. Nosso sistema é uma beleza. Deixa todo o mundo isolado. Cada um fica sozinho na frente da TV e nestas circunstâncias é muito difícil ter idéias ou formular pensamentos. Não podemos lutar sozinhos contra o Mundo. Alguns conseguem mas não é comum. A forma de fazer isso é através da organização. Por isso, promovemos a idéia da autodefesa intelectual, seja política ou de outro tipo. Acho razoável tentar descobrir o que as instituições estão querendo fazer. O que elas querem fazer nós queremos combater. Se estão tentando manter as pessoas isoladas nós queremos exatamente o oposto. Podemos criar grupos alternativos nas comunidades locais. Pessoas com preocupações paralelas,

talvez com enfoques diferentes mas com valores semelhantes. Interesses similares ajudam as pessoas a se defender contra o poder externo e controlar suas vidas.

- Existe alguma publicidade que as pessoas comuns possam ler para fugir da filtragem da imprensa?

Se você está perguntando qual o tipo de mídia que pode lhe dar as respostas certas eu não poderia lhe responder. Em primeiro lugar acho que não existe uma resposta para isso! Talvez tudo o que eu esteja lhe dizendo esteja errado. Não sou Deus mas é uma maneira de se ver as coisas. Posso lhe dizer o que acho mais ou menos certo, mas não há uma razão que lhe obrigue a aceitar isso.

- Na sua opinião qual o impacto da mídia alternativa ?

Para mim, a mídia alternativa é aquela controlada pela comunidade, em comparação com aquela que é controlada pelo Estado ou pelas grandes corporações. Isto mantém as pessoas juntas. São capazes de ação construtiva porque tem alguma forma de interação. É uma coisa positiva que deve ser levada às últimas conseqüências. Acho que vamos enfrentar tempos difíceis. Há toda uma concentração de recursos e poder que a mídia alternativa tem pela frente, restando uma árdua batalha. Uma estação de rádio mantida pelos ouvintes significa que todo o dia as pessoas podem olhar o mundo diferente. Não apenas o que a mídia corporativa quer que se veja, mas outra forma de entender as coisas.

O pessoal monitora a mídia impressa, observando de maneira inteligente e crítica. Muitas pessoas fazem isso e trocam informações. Descobri o movimento de tropas no Irã lendo as transcrições da BBC de Londres numa entrevista com o Embaixador israelense e em alguns artigos da imprensa de Israel. A informação existe. Mas é necessário ser fanático e gastar uma boa quantidade de tempo e energia comparando jornais, comparando as mentiras de hoje com as de ontem. Não faz sentido pedir ao público que enfrente uma tarefa destas.

Os Estados são instituições violentas. O Governo de qualquer País, inclusive o nosso, representa uma espécie de estrutura doméstica de poder - em geral violento. Os Estados são violentos à medida em que são poderosos. Observando a história americana, não acharemos nada que nos orgulhe. Estamos aqui porque 10.000.000 de nativos foram exterminados. Até a década de 60 existiam índios. Na década de 70, pela primeira vez os acadêmicos tentaram encarar os fatos, depois de 200 anos de indiferença.

- Sua opinião sobre este ativismo é que de algum modo alterou a opinião da sociedade ?

As instituições não mudaram nem a forma como elas trabalham. Mas aconteceram significativas mudanças culturais. Os movimentos dos anos 60 expandiram-se durante as décadas de 70 e 80. Atingiram outras camadas da sociedade e levantaram questões diferentes. Muitas coisas já eram ultrajantes nos anos 60, agora já estão garantidas. Muitos deles como o movimento feminista hoje fazem parte da consciência coletiva. Os movimentos ecológicos tiveram início nos anos 70. Já as reivindicações estudantis dos anos 60 já não existem mais; hoje são opiniões correntes nos Estados Unidos.

- Se hoje existem mais dissidentes, porque insiste em descrever que as pessoas estão isoladas ?

A maior parte da população acredita que as instituições organizadas não referem suas preocupações, interesses e necessidades. Não se sentem plenamente participantes do sistema político. Desconfiam que a mídia não esteja dizendo a verdade nem referindo suas preocupações. Precisam ficar fora das instituições organizadas para poder agir. Os líderes que conhecemos aparecem cada vez menos. Nem a eleição para a presidência, para o público, é algo que depende de sua escolha. O sistema político funciona cada vez mais sem a participação do público.

As pessoas não se dão ao trabalho de ratificar as decisões que lhes são apresentadas. Concluíram que estas decisões são tomadas independentemente do que resolveram na cabine eleitoral. Assumimos que existe ratificação. Mas como a indústria de relações públicas determina quais as palavras que as pessoas devem dizer e os candidatos avaliam seus desempenhos com base em testes de impacto é porque a democracia está sendo desvirtuada e as pessoas não perceberam até que ponto.

- Sobre a afirmação anterior, sobre fugir ou acabar com o capitalismo, o que colocaria no lugar dele? Que sugestão daria às pessoas em posição de agir?

As pessoas não devem ser forçadas a se vender para sobreviver. As instituições econômicas devem ser regidas de forma democrática por seus membros, pelas comunidades e assim por diante. Isso deve ser feito através de diversas formas de livres associações.

- Historicamente houve algum tipo de sociedade importante que se aproximou do ideal anarquista?

Poucos conseguiram. Algumas revoluções libertárias baseiam-se em conceitos anarquistas. Dentre as pequenas comunidades que permaneceram, talvez o melhor exemplo sejam os KIBUTZIN. Durante um longo período basearam-se em princípios anarquistas, ou seja, controle direto por parte dos trabalhadores; integração da agricultura, indústria, serviços e vida pessoal em bases igualitárias com participação direta e ativa do alto gerenciamento. A revolução espanhola de 1936 também foi um bom exemplo. Este movimento anarquista foi completamente esmagado mas, enquanto durou, deu mostras da capacidade dos trabalhadores de se organizarem e gerenciarem seus assuntos de forma extremamente bem sucedida, sem nenhum tipo de coerção ou de controle.

- Até que ponto o sucesso do anarquismo ou do socialismo dependem de uma mudança fundamental na natureza do ser humano, tanto na sua motivação quanto no seu conhecimento ?

Não só depende como o objetivo final do socialismo é contribuir para esta transformação espiritual que vai da concepção de si mesmo à capacidade de agir, decidir, criar, produzir, indagar. Aquela transformação espiritual de que falam os pensadores da corrente marxista de Rosa de Luxemburgo, admirada pelos anarco-sindicalistas. Então de um lado requer esta transformação espiritual e de outro tem o propósito de criar instituições que contribuam para esta transformação. A moderna civilização industrial desenvolveu-se dentro de um sistema de mitos e conveniências. A força motriz da civilização industrial vem sendo o gancho material individual que é aceito como legítimo e até aceito com base na transformação clássica de que as empresas privadas proporcionam benefícios públicos. Há muito tempo sabemos que uma

sociedade com base nestes princípios irá se auto-destruir em determinado tempo. Sua única chance de continuar, com todo o sofrimento e a injustiça que acusa, é fingir que as forças destrutivas criadas pelos seres humanos são limitadas, que o mundo possui recursos infinitos e que a Terra é uma lata de lixo de capacidade ilimitada. Nesta fase da história existem duas possibilidades: ou a população passa a controlar seu próprio destino e se preocupa com os interesses da comunidade criada por valores de solidariedade, compreensão e preocupação pelos outros ou não haverá destino nenhum a ser controlado. Enquanto uma determinada classe estiver em uma posição de autoridade, determinará políticas que vão de encontro a seus interesses. Mas as condições para sobrevivência, sem falar na justiça, necessitam de um planejamento social racional das comunidades como um todo. Isso, hoje em dia, significa comunidade global. A pergunta é: se as elites privilegiadas poderão dominar os meios de comunicação de massa e usarão este poder de forma como dizem, que devem fazê-lo para infringir as necessidades e ilusões, para manipular e enganar a maioria e mantê-la afastada do terreno público; resumindo, a pergunta é se a democracia e a liberdade são valores a serem preservados ou ameaçar a serem neutralizados?

Nesta provável fase terrível da existência do ser humano, a democracia e a liberdade são muito mais do que valores a serem preservados. Podem ser essenciais para a sobrevivência.

#